

Bornhausen não vê razão para capitalizar juros da dívida

8 MAR 1985

CORREIO BRAZILIENSE

Est

“Se nós temos condições de pagar os juros da dívida externa, não há porque capitalizá-los e assim aumentar ainda mais o endividamento” — disse ontem o presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Roberto Konder Bornhausen, ao prever dificuldades para concretizar a proposta de capitalização em função dos regulamentos bancários de países como os Estados Unidos.

O banqueiro não aceita comentar especificamente a proposta do futuro presidente do Banco Central, Antonio Carlos Lemgruber, por entender que o plano — divulgado com exclusividade pelo **CORREIO BRAZILIENSE** — merece ser analisado em todos os seus detalhes, devido a complexidade do assunto tratado. Mas adverte que qualquer idéia de capitalização enfrentará dificuldades por causa da legislação bancária no exterior, que não permite este tipo de arranjo.

“Se estou reclamando que a dívida está muito grande, tenho que escolher o que quero: ou me endividar mais e pagar menos juros agora, ou então pagar mais juros e fazer com que a dívida deixe de crescer, passando até a decrescer um pouco” — observou o banqueiro, presidente também do Unibanco. Ele acha que as exportações brasileiras serão suficientes, este ano, para gerar um saldo na balança comercial suficiente para fazer frente ao serviço da dívida, sem precisar capitalizar os juros.

Bornhausen acredita que o modelo anterior de renegociação da dívida brasileira ainda é “muito bom, só não tendo sido aceito porque o Fundo Monetário Internacional criou problema no acompanhamento das contas nacionais”. Esta proposta, apresentada aos bancos credores pela equipe econômica em final de mandato, previa a renegociação apenas do principal da dívida (amortizações), sem tocar na questão que o futuro governo Tancredo Neves considera essencial: as parcelas de US\$ 11 bi-

lhões de juros que o País tem que pagar por ano.

O presidente da Febraban mostrou-se confiante na capacidade brasileira de manter este ano um saldo favorável entre exportações e importações, apesar dos resultados de janeiro e fevereiro terem sido inferiores ao do mesmo período do ano anterior. “Não vejo nenhuma razão neste momento para dizer que o saldo de US\$ 12 bilhões na balança comercial não deva ser atingido, mas se não for e tivermos apenas US\$ 11 bilhões, por exemplo, isto não causará nenhuma catástrofe porque temos margem para esta flexibilidade, inclusive pelas reservas acumuladas” — observou.

O banqueiro não recomenda nenhuma alteração significativa na política cambial brasileira para reestimular as exportações, embora reconheça que o cruzelero esteja sobrevalorizado em relação a outras moedas que não o dólar pelo fato de acompanhar a moeda americana sem levar em conta a inflação dos outros países. “Até onde estou vendo não há razão para que as coisas não continuem como estão, pois não há necessidade de alterações drásticas”. Bornhausen acredita também que o Brasil não tem necessidade de impor aos credores uma vinculação expressa entre o volume de exportações e o pagamento do serviço da dívida externa.

ADAUTO CRUZ



Bornhausen